

PREFÁCIO

Não é coisa usual eu incluir prefácio nos meus livros. Entendo que eles se recomendam como os peregrinos de Santiago, pelas conchas que têm no chapéu e que simbolizam a viagem no sentido supremo, de descoberta, testemunho e redenção. Cada livro é uma peregrinação; não precisa de passaporte e aviso que o distinga e lhe assegure hospitalidade. Mas este tem umas contas a prestar, porque exactamente é um romance conduzido até mim através duma ideia que não me ocorreu a mim. Foi o caso de me terem pedido os diálogos para um filme cujo assunto seria Fanny Owen. Para escrever os diálogos tive que conhecer as circunstâncias que os inspirassem; e a história que os comporta. Assim nasceu o livro e o escrevi.

Pareceu-me necessário e útil trazer Camilo Castelo Branco à luz da nossa experiência humana sem o traduzir na opinião de escritor que é a minha. Por isso usei a colagem, e quase todas as suas falas são as autênticas, que ele escreveu, em novelas, nos dispersos e nas folhas em que anotava os seus pensamentos. Também muitas palavras de Fanny e de José Augusto se podem entender como ouvidas directamente da boca dos próprios em suas vidas. Em parte, porque as deixaram assim escritas nos diários íntimos; e também porque Camilo as fixou nos livros em que eles pousaram como personagens, ainda carregados da memória apaixonada que imortaliza tudo aquilo em que ela toca. Assim, talvez tudo possa parecer menos evasivo neste romance de evasões e do fascínio que é a regra das intercepções.

AGUSTINA BESSA-LUÍS



I

OS MORGADOS

O rio Douro não teve cantores. Teve-os o Mondego e o Tejo também. Mas, para além das cristas do Marão, em vez do alaúde e da guitarra havia o repique dos sinos ou o seu dobrar espaçado. Havia o tiro certo dos caçadores de perdiz, lá pelas bandas da Muxagata e do Cachão da Valeira. E o clarim das guerrilhas ouvia-se através da poeira de neve que cobria os barrancos de Sabroso. O rio Douro ficou banido da lírica portuguesa com a sua catadura feroz pouco própria para animar os gorjeios dos bernardins, que são sempre lamurientos e que à beira de água lavam os pés e os pecados. E, no entanto, trata-se de um rio majestoso como não há outro. Eu vi-o em Zamora e não o reconheci; diz-se que as margens eram carregadas de pinheiros e daí o seu nome *dum* que quer dizer madeira. Mas entra em Portugal à má-cará. Enovela o caudal sobre penhascos, muge e ressoa como um touro com molhela de couro preto a subir uma calçada. Não creio que os poetas o habitem; e, no entanto, Dante tê-lo-ia amado, e preferido; como preferiu os estaleiros incandescentes de Veneza e os túmulos abertos das arenas de Arles, para descrever o inferno. Por cá, são brandas as liras; com o aguilhão da fome, às vezes saltam umas revoltas que vibram na Calíope alguma bordoadada. Com o ferrão do amor, não se cometem senão delitos em forma de soneto ou de sextilhas. Epopeias são raras, as musas são mimosas e não ardentes.

Porém havia nas margens do Douro uns nativos especiais que se alimentavam de bacalhau cozido com ovos à ceia, refeição com

tradições de mesmice gastronómica. Às nove da noite, e à luz metálica dos gasómetros ou das velas em castiçais de dois braços, sentava-se à mesa o lavrador do Douro, homem no geral de génio ponderado e de trato soberbo. Tinha quatro filhas e dois rapazes, um deles morgado, entroncado e bebedor; antes dos vinte anos ficava órfão e deixava a herança nos botequins da Régua onde se jogava o monte com obstinação que, de não ser viciosa, seria espartana. A Régua, em 1840, era um pouco Saint Louis do Missouri, só que com menos europeus. Havia ingleses, é certo; mas para cá da Mancha um inglês sofre uma rebaixa de cinquenta por cento. Para chegar onde quero chegar direi que em 1845, nos altos de Baião e num lugar chamado Santa Cruz do Douro, vivia um desses morgados bizarros, que cumprem o seu destino seduzindo uma costureira, casando com uma prima e endividando-se quase sem sair de casa — a comer e a administrar mal as terras. Mas José Augusto Pinto de Magalhães, o jovem proprietário da Quinta do Lodeiro, tinha uma particularidade mais ruínosa: fazia versos. Os pais tinham morrido, o meio-irmão casara com uma senhora prendada e de boas famílias. Em vez de se limitar aos serões de Mesão Frio e Amarante, José Augusto desceu sobre o Porto, onde triunfava uma boémia inteligente, byroniana, com mais coletes do que ideias, com mais prosápia do que novidade. Uma boémia igual a outra qualquer. Desiludido com essa turba de românticos quase todos picados de donjuanismo capaz de sacrificar-se a um dote do Pará ou dum bacalhoeiro da Rua Nova de São João, José Augusto caiu na capital, onde teve o seu baptismo de salão: quer dizer que o acharam tolo e não pôde convencer ninguém de que não o era. Foi lá que encontrou Camilo Castelo Branco, um moço com talento, bexigas e má memória. A má memória é essencial para escrever romances e para os poder viver; na vida e nos romances, tudo se repete. Quando a boa memória existe em abundância, tudo resulta em fracasso; porque o génio não convence se não estiver aturdido com certa dureza de espírito que não dá conta de quanto a fantasia é coisa venerável pela velhice que testemunha. Enfim, Camilo encontrou José Augusto e não simpatizou com ele. «Olá!», pensou. «Já conheço este exemplar. Um provinciano chapado.» Mas não era, viu-se mais tarde. Camilo gostava das pessoas que sabem chorar. Debaixo das bravatas irónicas e do dogma do desprezo en-

contram-se às vezes almas tão vulneráveis que um diabo encartado não sabe que fazer delas. Camilo não era um diabo encartado; tinha poucos anos de ciências médico-cirúrgicas, menos ainda de direito e outro tanto de teologia. As suas relações com Deus eram mais cerimoniais do que íntimas, como aconteceu com Voltaire. Só que a sua indigestão de cepticismo se mudou com o tempo num delírio embaraçoso, porque tinha não sei quê de desemprego do coração; uma febrícula triste, de quem mata por despeito e por vingança ama.

José Augusto, quando exibia o seu completo desdém pelas mulheres, era sincero. Conhecera pelo menos uma que o desiludira — a mãe. Morrera e deixara-o na flor da vida. Não há maior desleixo do coração materno. Quando se consolida a obscura missão do afecto e todos os perigos estão cumpridos, devassados, traídos, essa morte dumã mãe parece escândalo, e é-o realmente. Um rapaz de dezoito anos, musical, com muitas graças de cultura e garbo de pessoa, rei de sua casa, habituado ao regaço das mulheres que o criaram, primogénito como Esaú e preferido como Jacob, não se deixa iludir pela morte. A mãe não morre, para ele — abandona-o. Daí parte o seu sentimento irritado e de aparência fútil contra as coisas que lhe sugerem e as amantes que se lhe oferecem. Camilo, que era mais cordial com as oportunidades, mais egoísta talvez, não sente simpatia por José Augusto. Pode ser que pressinta nele um atractivo profundo, uma raça que se não define senão pela natureza luciferina: o orgulho. O orgulho é desprovido de alma; e, no entanto, em tudo a imita. As mulheres possuem esse orgulho angélico e bestial, mesmo quando são humildes, rasas, apagadas.

A verdade é que um dia, no Porto, Camilo voltou a encontrar José Augusto. É um desses encontros que decidem de todas as ruminacões e de todos os obstáculos a que a razão se vinculou. Sentou-se à mesma mesa do café e trocou opiniões sobre poesia. Camilo escrevia maus versos, mas os maus poetas são em geral bons críticos; porque o que lhes impede a inspiração é a própria impertinência da justiça. Dessa vez Camilo teve uma impressão diferente de José Augusto. Achou-o inteligente, espirituoso, pouco contaminado, nas suas solidões durienses, daquela pesada cidade de mercadores e folhetinistas. O Porto estava cheio de mocidade brejeira, de burgueses gordos e sonolentos, de conventos e de janotas excêntri-